

I

— Então, Piotr? Ainda não se vê nada? — A vinte de Maio de mil oitocentos e cinquenta e nove, um fidalgo de quarenta e poucos anos, sem chapéu, com um sobretudo coberto de pó e umas calças aos quadrados, saía para o alpendre baixo da estalagem na estrada de X... e interrogava assim o seu criado, um jovem de rosto cheio com uma pequena penugem esbranquiçada no queixo e uns olhinhos inexpressivos.

O criado, em quem o brinco turquesa na orelha, os cabelos sara-pintados cobertos de brilhantina e os gestos cortesês, tudo, em suma, revelava um homem de uma nova geração, aprimorada, olhou desdenhosamente ao longo da estrada e respondeu: «Não senhor, não se vê nada.»

— Não se vê? — repetiu o fidalgo.

— Não se vê — respondeu pela segunda vez o criado. O fidalgo suspirou e sentou-se num banco. Apresentemo-lo ao leitor enquanto ali está sentado, com uma perna dobrada debaixo de si e olhando pensativo à sua volta.

Chama-se Nikolai Petróvitch Kirsánov. Possui uma bela propriedade de quinze quilómetros da estalagem com duzentas almas ou, como ele diz desde que distribuiu terras pelos camponeses e estabeleceu uma «granja», de dois mil hectares de terras. O pai dele, general combatente de 1812¹, semi-analfabeto, rude, mas não mau homem, activo durante toda a vida, comandou a princípio uma brigada, depois uma divisão e viveu constantemente na província onde, devido à sua patente, desempenhava um papel bastante importante. Nikolai Petróvitch nasceu no sul da Rússia, tal como o seu irmão mais velho, Pável, de quem se falará mais adiante, e fora educado em casa até aos catorze anos, ro-

deado de preceptores baratos, desenvoltos mas servis ajudantes e outras pessoas militares e civis. A mãe, da família dos Koliázín, *Agathe* de seu nome de solteira, e depois de casada Agafókleia Kuzmínichna Kirsánova, pertencia ao número das «mães-comandantes», usava coifas pomposas e ruidosos vestidos de seda. Na igreja era sempre a primeira a aproximar-se da cruz, falava muito e em voz muito alta, de manhã dava a mão a beijar aos filhos, à noite abençoava-os — em suma, vivia a seu gosto. Como filho de um general, Nikolai Petróvitch — embora fosse tão pouco corajoso que até merecia a alcunha de medricas — estava, tal como o seu irmão Pável, destinado à carreira militar; mas fracturou uma perna no próprio dia em que chegou a notícia da sua incorporação e, depois de permanecer dois meses de cama, ficou «coxi-nho» para toda a vida. O pai desiludiu-se e colocou-o no serviço civil. Levou-o para Petersburgo assim que fez dezoito anos e matriculou-o na universidade. A propósito, por essa altura o irmão tornou-se oficial de um regimento da guarda. Os dois jovens passaram a viver num apartamento sob a vigilância distante de um segundo tio da parte da mãe, Iliá Koliázín, alto funcionário. O pai voltou para a sua divisão e para a sua esposa e só de longe em longe enviava aos filhos grandes folhas de papel cinzento garatujadas com uma larga caligrafia de amanuense. No final dessas folhas sobressaíam, zelosamente rodeadas de floreios, as palavras: «*Piotr Kirsánof*, major-general.» Em 1835, Nikolai Petróvitch saiu da universidade como licenciado e nesse mesmo ano o general Kirsánov, passado à reforma devido a uma inspecção infeliz, foi viver para Petersburgo com a mulher. Alugou uma casa junto do jardim de Taurida e inscreveu-se no Clube Inglês, mas morreu inesperadamente de um ataque do coração. Agafókleia Kuzmínichna em breve o seguiu: não conseguiu habituar-se à vida triste da capital; a existência retirada longe do regimento afligia-a. Entretanto Nikolai Petróvitch, ainda em vida dos pais e para desgosto destes, apaixonou-se pela filha do funcionário Prepolovenski, antigo senhorio do seu apartamento, uma jovem bem parecida e, como se diz, avançada — nas revistas lia os artigos sérios na secção de «Ciências». Casou-se com ela assim que terminou o período de luto e, deixando o ministério dos apnágios, onde o pai o colocara por favor, viveu feliz com a sua Macha, primeiro numa vivenda perto do Instituto Florestal, depois na cidade, num pequeno e bonito apartamento com uma escada limpa e uma sala bastante fria, e por fim no campo, onde se instalou definitivamente e

onde dentro de pouco tempo lhe nasceu o filho, Arkádi. Os esposos viam muito bem e muito tranquilos; quase nunca se separavam, liam juntos, tocavam piano a quatro mãos, cantavam duetos; ela cultivava flores e cuidava do galinheiro, ele ia por vezes à caça e ocupava-se da administração da propriedade, e Arkádi crescia, crescia, também muito bem e tranquilamente. Dez anos se passaram como um sonho. Em 1847, a mulher de Kirsánov faleceu. Ele suportou dificilmente esse golpe, encaneceu em poucas semanas. Preparava-se para partir para o estrangeiro, a fim de se distrair um pouco... mas então começou o ano de 1848². Voltou contrariado para o campo e depois de um período bastante longo de inactividade dedicou-se a transformações na sua propriedade. Em 1855 levou o filho à universidade; passou com ele três Invernos em Petersburgo, quase nunca saía de casa e procurava travar conhecimento com os jovens colegas de Arkádi. No último Inverno não pôde ir — e nós vamos encontrá-lo em Maio de 1859, já completamente embranquecido, roliço e um pouco corcovado: está à espera do filho que recebera, como ele próprio em tempos, o grau de licenciado.

O criado, por um sentimento de decoro, ou talvez por não desejar estar sob o olhar do amo, aproximou-se do portão e acendeu o cachimbo. Nikolai Petróvitch baixou a cabeça e ficou a olhar os velhos degraus do pequeno terraço: um grande frango irisado deambulava gravemente por ali, pousando com força as grandes patas amarelas; um gato sujo olhava-o com ar de poucos amigos, encostando-se denosamente à balaustrada. O sol torrava; do vestíbulo meio escuro da estalagem vinha o cheiro a pão de centeio quente. O nosso Nikolai Petróvitch ficou sonhador: «O meu filho... licenciado... Arkacha...» — girava constantemente na sua cabeça; tentou pensar noutra coisa qualquer, mas de novo voltavam os mesmos pensamentos. Lembrou-se da falecida mulher... «Não chegou a ver!» — murmurou tristemente... Um gordo pombo cinzento voou para a estrada e dirigiu-se à pressa para ir beber num charco ao pé do poço. Nikolai Petróvitch pôs-se a olhar para ele, mas o seu ouvido já captava um som de rodas que se aproximavam.

— Parece que vêm lá, senhor — informou o criado espreitando por cima do portão.

Nikolai Petróvitch saltou e relanceou os olhos pela estrada. Apareceu um tarantasse, puxado por uma troica de cavalos da posta, e no

tarantasse cintilava a fita de um boné de estudante e os traços conhecidos do rosto querido...

— Arkacha! Arkacha! — gritou Kirsánov, e deitou a correr, agitando as mãos... Poucos instantes depois os seus lábios já se apertavam contra a face imberbe, coberta de pó e corada do jovem licenciado.

II

— Deixa-me sacudir, paizinho — disse Arkádi numa voz um pouco roufenha, devido à viagem, mas jovem e sonora, respondendo alegremente aos carinhos do pai —, eu vou sujar-te todo.

— Não faz mal, não faz mal — afirmou Nikolai Petróvitch, sorrindo com enternecimento, e por duas vezes sacudiu com as mãos a gola do capote do filho e o seu próprio casaco. — Deixa-me ver-te, deixa — acrescentou, afastando-se, e de imediato entrou a passos largos na estalagem, dizendo:

— Por aqui, por aqui, tragam depressa os cavalos.

Nikolai Petróvitch parecia muito mais emocionado do que o filho; parecia um pouco embaraçado, como que intimidado. Arkádi deteve-o.

— Paizinho — disse ele —, deixa-me apresentar-te o meu bom amigo Bazárov, sobre quem te escrevi muitas vezes. Ele foi tão amável que aceitou passar algum tempo connosco.

Nikolai Petróvitch voltou-se depressa e, aproximando-se de um homem de grande estatura, com um longo casacão com borlas, que acabava de descer do tarantasse, apertou vigorosamente a mão nua e vermelha que ele não lhe estendeu de imediato.

— Fico muito contente — começou ele — e muito agradecido pelo seu propósito de nos visitar; espero... permite que lhe pergunte o seu nome e patronímico?

— Evguéni Vassíliev — respondeu Bazárov numa voz indolente mas viril e, baixando a gola do sobretudo, mostrou a Nikolai Petróvitch todo o seu rosto. Era longo e magro, com a testa ampla, o nariz chato em cima e aguçado em baixo, uns grandes olhos esverdeados e suíças cor de areia, animado por um sorriso calmo, e expressava autoconfiança e inteligência.